

LOURENÇO CAZARRÉ

Ilustrações
CÁSSIO LIMA

CLUBEDOSLEITORES DEHISTÓRIATRISTES

Selecionado para o PNLD-SP 2005



1ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Copyright © Lourenço Cazarré , 2004

Gerente editorial executivo: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Assistente editorial e preparação de texto: KANDY SGARBI SARAIVA

Secretária editorial: ANDREIA PEREIRA

Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA

Coordenação de revisão: LIVIA M. GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Projeto gráfico: GISLAINE RIBEIRO

Capa: ESTÚDIO GRAAL

Ilustrações: CÁSSIO LIMA

Diagramação: GISLAINE RIBEIRO e HAMILTON OLIVIERI

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELICIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cazarré, Lourenço, 1953-

Clube dos Leitores de Histórias Tristes / Lourenço Cazarré
; ilustrações de Cássio Lima. — São Paulo : Saraiva, 2005. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-04779-2

1. Literatura infantojuvenil I. Lima, Cássio. II. Título. III. Série.

04-7092

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

11ª tiragem, 2016



Av. das Nações Unidas, 7.221 – 2ª andar
CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo – SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h às 18h
www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

201261.001.011

1 O CARTAZ NO FIM DO CORREDOR

Tudo começou num início de ano escolar.

Todo mundo sabe a loucura que é um primeiro dia de aula. Depois de dois meses de férias, a garotada volta a mil, morrendo de saudade dos amigos. Cada qual tem mais histórias para contar: viagens, praias, campos, serras, espantos, descobertas e namoros.

Roberto Santini pensava nisso enquanto observava a movimentação no pátio. Tinha boas histórias das férias para contar, mas não conhecia ninguém ali. Era novato na escola. O que de mais interessante tinha para relatar era justamente a mudança para aquela cidade, decidida meio às pressas por seus pais.

Aos doze anos, Roberto era de estatura média, bem mais gordo que magro. Seus olhos azuis, que se movimentavam risonhos, pareciam querer registrar tudo que viam. Seu rosto, pálido e redondo, estava sempre pronto para se abrir num sorriso.

“Nos próximos dias, quando a poeira baixar, eles não estarão tão agitados e, aí, eu poderei falar com eles”, pensou Roberto. “Então, contarei que estou chegando de São Paulo, uma cidade tão imensa que é preciso cinco horas para atravessá-la em linha reta, andando de carro e em boa velocidade. Vou dizer que lá existem mais *shopping centers* do que talos de grama num campo de futebol, e eles vão ficar de boca aberta. Aqui, nesta cidade, vou ter alguns amigos. Não muitos, mas bons amigos. Vamos voltar a pé para casa na hora do almoço. Se tiver latas pelo caminho, chutaremos. No fim de semana, iremos juntos ao cinema. Mas hoje eu não vou falar com eles. Vou deixar que coloquem seus assuntos em dia.”



Cabisbaixo, mergulhado nessas divagações, Roberto atravessou o saguão da escola. Caminhava sem rumo, ia por onde lhe conduziam os pés, seguia na direção para a qual seu nariz apontava. E, assim, chegou ao final de um corredor. Estava fazendo meia-volta quando viu afixado à parede um cartaz de cartolina que anunciava:

CLUBE DOS LEITORES DE HISTÓRIAS TRISTES

ABRA SEU CORAÇÃO

**Você gosta de ouvir e de contar histórias?
Se está disposto a empregar uma manhã por
semana para escutar e narrar melancólicas
aventuras de amor, mistério ou terror,
procure a secretaria da escola.**

**REUNIÕES AO AR LIVRE.
AO FINAL, NÃO SERÃO CONCEDIDOS DIPLOMAS.**

Inscrições só nesta primeira semana.

INFORMAÇÕES COM DONA ROSA.

2 MAU HUMOR PERMANENTE

Roberto dirigiu-se à secretaria da escola:

— Que história é essa de abrir o coração? — perguntou ele à mulher que estava por trás do balcão. — Se abrir meu coração, ele não vai apanhar sujeira?

A secretária da escola, Rosa Espíndola, 47 anos, solteira, um metro e cinquenta e dois, baixou rapidamente o rosto e mirou, por cima dos óculos de leitura, o menino de rosto bolachudo.

Conhecida entre os alunos como Rosa Espinhenta, ela comandava a secretaria da escola havia vinte anos. Como fazia questão de ser considerada uma pessoa muito mal-humorada, tinha o hábito de sempre resmungar com os alunos:

— Ainda não sei o seu nome, mas já descobri que você faz parte do grupo dos engraçadinhos — disse a mulher.

O menino estendeu a mão aberta sobre o balcão:

— Aperte os ossos, dona. Sou Roberto Santini, sexta série B. Fico feliz quando as pessoas apreciam as minhas piadinhas.

De início, Rosa não soube o que fazer. Nunca um aluno havia estendido a mão para ela. Sua fama de rabugenta os mantinha à distância. Depois, ela ficou desconfiada. O menino tinha uma carinha zombeteira e bem que era capaz de ter um sapo escondido na manga da camisa.

Por fim, com muitos cuidados, apertou a mão dele e rosnou:

— Apresente-se, pirralho! Fale um pouco da sua vida.

— Estamos chegando de São Paulo. Meu pai é engenheiro e minha mãe é médica. Eles não aguentavam mais passar metade do dia dentro do automóvel. Então, vieram

para cá a fim de esticar as pernas, caminhando. E a senhora, o que faz na vida além de usar óculos cortados pela metade?

Rosa sacou os óculos, ergueu o rosto e chiou:

– Você é muito folgado, moleque! Por muito menos esgoelei um no ano passado... Mas eu vou responder a você, porque hoje estou de bom humor. Os alunos me chamam Rosa Espinhenta, mas eu nunca feri ninguém. Sou encrenqueira, é verdade. Mas aprecio as boas piadas, aquelas que fazem a gente rir por dentro.

– Vamos ser bons amigos – Roberto sorriu.

Diante daquele sorriso, Rosa sentiu-se inclinada a falar:

– Minha família é imensa. Sou solteira, mas tenho três irmãs e um total de oito sobrinhos. Cada um é mais querido do que o outro. Todo dia, depois que saio da escola, vou à casa de uma das minhas irmãs...

Bruscamente, a secretária se calou. Tinha falado demais. Não era de se abrir com os alunos. Nunca fora. Mas aquele gorduchinho de olhos azuis era simpático.

– Você veio aqui por causa daquele tal cartaz, não é mesmo? Nada sei além do que está escrito ali. Tentei descobrir mais detalhes, mas não consegui. É um mistério! Você quer se inscrever mesmo assim?

– Claro!

Rosa pegou uma folha de papel pautado e escreveu – com uma caligrafia elegante – no alto dela: “Clube dos Leitores de Histórias Tristes”:

– Escreva seu nome na primeira linha e assine ao lado. Mas não erre! Não rasure! Capriche na letra!

Enquanto Roberto escrevia, Rosa – que não parava um só segundo de trabalhar – virou de costas para ele e começou a ajeitar uns papéis em cima de sua mesa. Assim,

ela nem viu quando ele se foi. Ao dar de cara com o balcão deserto, Rosa sentiu uma vontade doida de chamá-lo, mas se controlou. Era a primeira vez que simpatizava imediatamente com um aluno.

– Garoto danadinho – um sorriso desafivelou sua carranca eternamente amarrada.

3 ESTRANHOS, ESQUISITOS, DIFERENTES OU INCOMUNS?

No final da manhã de sexta-feira, o diretor da escola, professor Carolino Carvalho, quis ver a relação dos alunos inscritos no Clube dos Leitores de Histórias Tristes.

Muito intrigada com aquele assunto, dona Rosa entregou-lhe a folha pautada e disse:

– Sei que não deveria meter o meu bedelho, diretor, mas preciso lhe dizer uma coisa. Esse tal Clube dos Leitores de Histórias Tristes é um negócio esquisito.

– Esquisito? Como assim? – perguntou o professor Carolino, voltando-se para a secretária. Era um homem alto e encurvado, magro e muito agitado.

– Primeiro: o tal Clube vai funcionar ao ar livre. Imagine se um aluno pega sol demais ou chuva e adocece...

– Ar livre e natureza, dona Rosa, são sinônimos de saúde – retrucou o diretor, começando a se desinteressar do assunto.

– Segundo: os participantes não vão receber nem diplomas nem notas. Isso aqui é uma escola e nós sempre temos que avaliar o desempenho.

– Sinal dos tempos, dona Rosa. O Clube visa atrair os alunos para a leitura dos grandes clássicos. Será que se pode dar nota para uma coisa dessas?

Rosa observou o diretor. Era o mesmo sujeito de sempre, mas a voz dele estava soando diferente. “Será que está zombando de mim”, perguntou-se ela, em silêncio. Mesmo assim, insistiu:

– Terceiro: quem vai comandar o Clube? Os alunos queriam saber quem vai chefiar a coisa, mas eu não soube responder.

– O mistério é um componente importante desse Clube, dona Rosa.

– Mistério?

– Quando perceberam que a senhora não sabia o nome da pessoa que dirigirá o Clube, os alunos ficaram ainda mais interessados – comentou o diretor, de cabeça baixa, assinando papéis. – A senhora também fez parte da nossa estratégia para atrair os alunos.

– Quer dizer que funcionei como isca?

Por uns minutos Rosa manteve-se calada, entre confusa e irritada. Ia de um lugar a outro da sala, sentava e levantava. Pegava uma pasta e logo a soltava. Abria um arquivo e em seguida o fechava.

– Sei que estou sendo chata, diretor, sei que estou atrapalhando o senhor, mas tenho que dizer uma coisa antes de sufocar.

Com um movimento rápido de pescoço, o homem voltou-se para Rosa, que disse, em voz baixa, olhando nervosamente para os lados:

– Prestei muita atenção nos estudantes que se inscreveram para o Clube. O que eu posso lhe dizer é que todos eles, sem exceção, são muito estranhos.

– Estranhos? – O homem pôs-se de pé com um salto.

– Como assim? O que a senhora está querendo dizer?

– Os alunos inscritos são um tanto... incomuns.

– Incomuns? Como assim? Não, não temos alunos incomuns, esquisitos ou estranhos aqui nesta escola. Todos são iguais. A senhora sabe muito bem disso!

– Claro que sei, diretor. Mas a verdade é que eles são... Não sei explicar direito.

– Bem, se a senhora não sabe explicar direito, eu não posso entendê-la direito – disse ele, impaciente.

– Para ser bem franca e honesta, diretor, a verdade é que eu nunca vi, juntos, tantos meninos e meninas diferentes. A começar pelo primeiro a se inscrever, Roberto Santini. Depois, veio um bem magrinho e mirrado, um moreninho que tem os dentes espetados.

– Vou insistir num ponto, dona Rosa – um tique nervoso sacudiu o rosto do diretor. – Aqui todos são iguais: têm entre um e dois metros de altura e pesam entre trinta e cento e cinquenta quilos.

– Desisto de tentar entender – murmurou Rosa.
– Posso até ficar maluca.

Rapidamente, o diretor deixou a sala da secretaria. No corredor, não conseguiu controlar o riso. Jamais esqueceria a cara de espanto de Rosa quando ele falou aquelas coisas sobre altura e peso.



4 ENCONTRO COM A CONTADORA DE HISTÓRIAS

No dia marcado (sábado), na hora combinada (às dez da manhã), no local indicado (debaixo da mangueira do pátio da escola), reuniram-se os seis inscritos no Clube.

Então, uma das portas envidraçadas do pátio da escola se abriu e deu passagem a uma mulher. Enquanto ela caminhava na direção deles, com passos largos e rápidos, os estudantes tiveram tempo de observá-la. Era mais alta do que a maioria das mulheres. Trajava calça jeans e uma blusa de malha. Nos pés, sandálias de couro com solado de borracha.

Quando a mulher parou diante deles, já na sombra da árvore, viram que o rosto dela era harmonioso. Tinha grandes olhos negros, encimados por sobrancelhas cerradas. A boca era grande, rasgada, de lábios bem delineados, mas o nariz era delicado.

A mulher que ia dirigir o Clube dos Leitores de Histórias Tristes parecia ter uns trinta e poucos anos, mas o seu cabelo não condizia com o rosto. Liso, cortado bem curto, era grisalho. Para falar a verdade, mais branco do que grisalho.

— O meu nome é Olga — anunciou ela. — Olga Krapowski. Como vocês já devem ter adivinhado, eu sou a inventora do Clube dos Leitores de Histórias Tristes.

— Pra que tanto suspense? — perguntou uma menina loira, de cabelos presos num rabo de cavalo. — Por que a senhora não colocou logo seu nome no cartaz? Esperar uma semana pra conhecer a senhora foi demais. Quase morri de curiosidade!

Henriqueta Krüger, a Quêta, 13 anos, era a mais alta das meninas da sétima série A. De nariz sardento e arrebicado, ela era famosa na escola por ser encrenqueira.